

O PAPEL DA PREVENÇÃO PARA A SEGURANÇA PÚBLICA: O DISCURSO DE ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS SOBRE O PROERD²⁷

Dieny Graciely Souto de Souza Melo²⁸

UNILINS

Abstract: *The discourse on prevention has generated debates in various environments and specifically when it comes to drug prevention, more research with theories and explanations of various aspects and object of study for professionals, experts and scientists. This work will consider the discourse on drug prevention in the context of public safety in order to bound the importance of a management that values the existing prevention programs, considering in particular the Drugs Abuse Resistance Educations - DARE, with target to identify and analyze the discourse on conceptual changes promoted by preventive educational practices, using the knowledge obtained by students as compared to students that not participated. However, do not pretend to exhaust sources of possible solutions, but highlight the need to expand perspectives on the drug prevention considering a variety of factors that surround it.*

Keywords – speech, prevention, drugs, DARE

Resumo: O discurso sobre prevenção tem desencadeado debates em vários ambientes, e quando se trata especificamente do discurso de prevenção às drogas, veem-se ainda mais pesquisas com teorias e justificativas de vários aspectos e sentidos, alvo de estudo de diversos profissionais, especialistas e cientistas. O presente artigo procura apresentar o discurso sobre prevenção às drogas no âmbito da segurança pública de forma a ressaltar a importância de uma gestão que valorize os programas de prevenção existentes, considerando em específico o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência - PROERD, com o objetivo de identificar e analisar o discurso sobre mudanças conceituais promovidas por práticas educativas preventivas, utilizando para tanto o discurso obtido por alunos concludentes e partícipes do mesmo em comparação aos alunos não partícipes, além do amparo da literatura referente ao tema. Contudo, não se pretenderá esgotar discursos sobre fontes de soluções possíveis, e sim, evidenciar a necessidade de ampliar o olhar sobre a temática prevenção às drogas considerando uma multiplicidade de fatores que a envolvem.

Palavras chaves – discurso, prevenção, drogas, PROERD

Introdução

²⁷ Trabalho orientado pelo Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues, UEMS Campo Grande-MS.

²⁸ Acadêmica do Curso de Pós Graduação *Lato Sensu* em Gestão em Segurança Pública do Centro Universitário de Lins-Unilins, Lins-SP, Brasil.

O discurso de combate ao problema das drogas de forma que os princípios de direitos humanos sejam respeitados requer que as ações sejam planejadas e direcionadas ao desenvolvimento humano e que superem o entendimento de que o controle da violência está limitado à reabilitação de usuários e dependentes.

Faz-se necessário, também, reconhecer que a redução da oferta e a redução da demanda de drogas, por si só não são capazes de resolver o problema. Por essa razão, uma abordagem mais equilibrada é necessária, desde que inclua esforços mais sérios de prevenção e tratamento e reconheça ser o investimento na prevenção muito mais eficiente e barato do que as estratégias que envolvem o objetivo de efetuar prisões, considerando tais ações não só em termos de declarações políticas, mas também em termos de fundos dedicados para esses fins.

No contexto social relativo ao campo educacional o número de pesquisas a respeito das drogas e violência tem aumentado em busca de possíveis soluções para respostas às grandes demandas de problemas que seu uso e abuso vêm causando.

Além disso, muitas pesquisas têm apontado que o primeiro contato com as drogas tem ocorrido em uma idade escolar cada vez mais precoce, e segundo o “Pacto pela Paz” aprovado na *IV Conferência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente* (2002) o enfrentamento à violência tem considerado as crianças e adolescentes como as maiores vítimas, por isso o objetivo da agenda é propor ações que defendam a juventude desde o trabalho preventivo.

Neste âmbito faz-se importante considerar a interpretação de que a efetiva prevenção, segundo a Secretaria Nacional sobre Drogas (SENAD)²⁹, é fruto de comprometimento, cooperação e parceria entre os distintos segmentos da sociedade e órgãos governamentais, fato este que demonstra uma “Responsabilidade Compartilhada” em tentar resolver e/ou diminuir os problemas causados pelo uso e abuso de drogas.

Desta forma o trabalho preventivo executado pelo PROERD, representando a Polícia Militar, como atuante da segurança pública, aponta relevância para pesquisas que demonstrem sua efetividade e eficácia, já que o mesmo desenvolve parceria entre a Segurança Pública, a Educação e a Família.

Referencial teórico

²⁹SENAD – Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, criada pela Medida Provisória nº 1.669 e Decreto nº 2.632 de 19 de junho de 1998.

Como se faz importante envolver outros atores sociais externos à Segurança Pública, O PROERD trabalha precipuamente a ação de prevenção primária envolvendo a Polícia Militar, a Escola e a Família como proposto no eixo de *Prevenção Social do crime e das violências e construção da cultura e paz* da 1ª Conferência Nacional de Segurança Pública (2009, p.31), que afirma ser preciso garantir:

A articulação entre as ações preventivas policiais e ações não policiais focadas na redução do crime e da violência, bem como na redução das taxas de reincidência criminal.

Em outras palavras, o referencial ilustra a inclusão de ações sociais ao repertório de políticas de prevenção para que as áreas vulneráveis não sejam alvo da criminalização de direitos sociais.

Igualmente, a Política Nacional sobre Drogas (PNAD)³⁰ compartilha a missão de **“coordenar a Política Nacional Antidrogas, por meio da articulação e integração entre governo e sociedade”** juntamente à Secretaria Executiva do Conselho Nacional Antidrogas, delegando à SENAD o mobilizar de diversos atores envolvidos com o tema para a criação da política brasileira.

Partindo deste princípio, a SENAD apresenta um grande avanço ao decorrer da história, sustentando suas diretrizes em defesa da prevenção; tratamento; recuperação e reinserção social; redução de danos sociais e à saúde, redução da oferta; estudos; pesquisas e avaliações, que resultaram no assessoramento da aprovação da Lei nº 11.343/2006, que instituiu o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (SISNAD).

Desta forma, o estudo ainda apresenta para sua sustentabilidade o disposto no Art.70 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que afirma ser *“dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente”*, ou seja, a aplicação de lições que visem orientar alunos sobre os perigos e consequências do uso de drogas assume um papel importante para se tentar evitar e/ou diminuir o uso e abuso de drogas na escola, tentando contribuir para a redução do aliciamento dos jovens neste contexto.

³⁰A partir de 1998, o Brasil dá início à construção de uma política nacional específica sobre o tema da redução da demanda e da redução da oferta de drogas. Somente depois da realização da XX Assembleia Geral Especial das Nações Unidas, na qual foram discutidos os princípios diretivos para a redução da demanda de drogas, aderidos pelo Brasil, que foram tomadas as primeiras medidas para definir-se uma Política Nacional sobre Drogas.

E ainda, conforme RATEKE (2006, p. 75) a iniciativa de se aliar o novo pedagógico pelo olhar de uma força policial se faz necessária porque:

Progressivamente, o cenário das drogas vai se complexificando e, hoje constata-se que o consumo de alucinógenos, cada vez mais poderosos, afetam crianças, jovens e adultos de diferentes classes sociais [...] O tráfico de drogas alcançou, por sua rede de interconexões, um estatuto de poder paralelo ao do Estado, desafiando qualquer lógica explicativa que se pretenda totalizadora.

Por isso, o estudo do discurso dos alunos concludentes e partícipes do programa em comparação aos não partícipes, aponta grande relevância para verificar a eficácia da atuação da Polícia Militar neste segmento por meio da figura do Instrutor/Policial, já que a escola é uma instituição significativa pela qual todas as crianças e adolescentes passam boa parte de suas vidas.

Desta forma há ainda que se considerar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que estabelecem referenciais para a renovação e re-elaboração da proposta curricular no Brasil, destacando a escola como um local vantajoso para se tratar da questão das drogas:

[...] é inegável que a escola seja um espaço privilegiado para o tratamento do assunto, pois o discernimento no uso de drogas está diretamente relacionado à formação e às vivências afetivas e sociais de crianças e jovens, inclusive no âmbito escolar. (BRASIL, 1998, p.271).

Nesta perspectiva, pretende-se que a interpretação dos dados fundamente-se dentro de uma concepção da Análise do Discurso da linha francesa, sobretudo por Pecheux e expressa no Brasil por Orlandi, sendo que esta considera que a Análise de Discurso trabalha com a língua no mundo:

[...] com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2012, p.16)

Metodologia

Considerando a abrangência de vários aspectos da sociedade que estão inseridos na escola, o material para análise foi recolhido por meio de pesquisa de campo envolvendo alunos do 5º ano de

Ensino Fundamental de três escolas públicas de Campo Grande/MS, sendo duas municipais e uma estadual.

A abordagem adotada nesta pesquisa é qualitativa com enfoque comparativo, tendo-se em vista que tais métodos são apropriados quando o fenômeno em estudo é complexo, de natureza social e não tende apenas à quantificação. Portanto, é preciso observar, registrar e analisar, já que o entendimento do contexto social e cultural são elementos importantes para a pesquisa (MOLINA, 2004).

A coleta do *corpus* deu-se por meio de questionário semi-estruturado, contendo 22 questões organizadas no sentido de identificar a eficiência do Proerd nas escolas; constatar a importância do Programa para a prevenção no âmbito da Segurança Pública e verificar se o Proerd contribuiu para o aprendizado acerca do combate ao uso de drogas e à violência.

Os questionários foram aplicados na própria sala de aula das escolas, tendo a duração de uma hora/aula, sendo coletado para análise um *corpus* que reuniu 77 questionários preenchidos por três turmas de 5º Ano de Ensino Fundamental compostas por alunos concludentes, partícipes e não partícipes do programa.

Procedimentos de análise

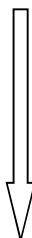
Para compreender-se o papel da prevenção, antes de especificá-lo à Segurança Pública e proceder a uma análise qualitativa dos discursos propostos, faz-se importante falar sobre os fatores de risco e de proteção existentes, pois tais fatores apesar de não serem determinantes podem aumentar ou diminuir, em diferente intensidade, as chances de o indivíduo vir ou não fazer o uso de drogas.

Por isso adotar-se-á para análise do *corpus*, durante a explanação dos resultados pesquisados, a Análise de Discurso (AD) que define o discurso não como uma simples transmissão de informações, pois o que se há são processos de identificação do sujeito (ORLANDI, 2012, p.21):

[...] no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação.

Para a interpretação dos discursos ainda se faz importante lembrar que a AD com seu objeto ímpar que é o discurso, afirma ser tal objeto uma produção de sentidos entre interlocutores, tendo no bojo de sua significação o histórico e o ideológico.

Desta forma, as análises partiram do texto (superfície linguística) para a construção do objeto discursivo (formação discursiva) até ao processo discursivo (formação ideológica), conforme esquema utilizado por Orlandi (2009):



1ª etapa	Passagem da superfície linguística para o	Texto para o Discurso
2ª etapa	Objeto discursivo Para o	Formação discursiva
3ª etapa	Processo discursivo	Formação ideológica

Fatores de risco e Fatores de Proteção

Quando se trata do porquê as pessoas usam drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas, em um momento em que seus efeitos e suas consequências já não são mais tão obscuros quanto no início de seu uso, é como se perguntássemos o porquê buscamos tantas coisas para completar algo que sempre parece nos faltar.

Desta forma é válido considerar que o indivíduo não nasce predisposto ao uso de drogas, mas como o ser humano vive em sua incompletude, há buscas para saciar o prazer, para tentar acabar com dores, enfim, as drogas historicamente estão presentes na sociedade, ora sendo apenas experimentadas, ora simplesmente usadas sem que o indivíduo se comprometa, porém também com momentos de seu uso abusivo.

Nesta conjuntura apresentam-se os fatores de risco, os quais podem criar situações para o uso abusivo, e os fatores de proteção, que podem ajudar o indivíduo a se proteger mesmo estando em contato com as drogas.

Assim os fatores de risco e de proteção podem estar/ser determinados por vários aspectos, conforme especificado pela SENAD (2013. p. 115):

- aspectos biológicos;
- na cadeia genética;
- nas peculiaridades das relações interpessoais;

- nas interações familiares;
- nas oportunidades de contato ou convivência com a droga;
- nas sensações provocadas pelo efeito obtido com o uso da droga;
- na cultura em que um vive, ou seja, na especificidade de cada indivíduo.

Para um melhor entendimento, a tabela abaixo extraída da SENAD (Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas) aponta algumas características pertinentes a tais fatores:

Tabela 1 – Domínio Comunitário

Fatores de risco	Fatores de proteção
Falta de oportunidades socioeconômicas para a construção de um projeto de vida.	Existência de oportunidades de estudo, trabalho, lazer e inserção social que possibilitem ao indivíduo concretizar seu projeto de vida.
Fácil acesso às drogas lícitas e ilícitas.	Controle efetivo do comércio de drogas legais e ilegais.
Permissividade em relação a algumas drogas.	Reconhecimento e valorização, por parte da comunidade, de normas e leis que regulam o uso de drogas.
Inexistência de incentivos para que o jovem se envolva em serviços comunitários.	Incentivos ao envolvimento dos jovens em serviços comunitários.
Negligência no cumprimento de normas e leis que regulam o uso de drogas.	Realização de campanhas e ações que ajudem o cumprimento das normas e leis que regulam o uso de drogas.

Fonte: SENAD (2006).

Diante deste quadro é possível perceber a importância de se reconhecer tais fatores, pois a inter-relação e a interdependência existentes entre o usuário e o contexto que o circunda é evidente.

Portanto pensar em prevenção no âmbito da Segurança Pública é pensar num contexto de vulnerabilidades que determinam as relações de uso de drogas em uma sociedade, com amplitudes

socioculturais que sejam capazes de desenvolver um olhar mais amplo para a integração e fortalecimento de programas sociais de prevenção às drogas.

Definindo o PROERD

Estando inserindo entre um, de muitos programas aliados aos fatores de proteção existentes, o PROERD – Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência atua no segmento da prevenção primária sendo uma versão brasileira do programa *DARE (Drug Abuse Resistance Education)* criado em 1983 em Los Angeles, nos Estados Unidos, sendo aplicado por policiais militares voluntários que se capacitam instrutores.

No Mato Grosso do Sul, de acordo com o site do Proerd/MS, o PROERD foi implantado no estado em 1997, conseguindo reconhecimento como política educativa de relevante interesse para a segurança pública, conforme Lei nº 3.845, de 10 de fevereiro de 2010.

As aulas ministradas pelos instrutores são aplicadas em 12 lições que acontecem semanalmente ao longo de aproximadamente um semestre letivo, em escolas públicas ou privadas, com a presença do professor em sala de aula.

O público alvo são alunos do 5º e 7º Anos do Ensino Fundamental, Educação Infantil e pais conforme os currículos existentes no programa.

Conforme descrito no próprio Livro do Estudante Proerd (p.05), o programa consiste em uma parceria firmada entre a Polícia Militar, a Escola e a Família sendo que:

O Proerd é mais um fator de proteção desenvolvido pela Polícia Militar para a valorização da vida, contribuindo, assim, para o fortalecimento da cultura da Paz e a construção de uma sociedade mais saudável e feliz.

Falando sobre prevenção

O termo prevenção definido no dicionário Aurélio Buarque de Hollanda como: “vir antes, avisar, preparar, impedir que se realize; antecipar uma informação; alertar sobre algo; preparar alguém/algo para evitar alguma coisa” traz um peso importantíssimo à Segurança Pública, a partir do

momento em que já não se trata mais segurança de maneira autoritária, mas sim de maneira igualitária, considerando o tratamento de forma intersetorial.

Por isso podemos definir prevenção como o ato de alertar, prevenir antecipando problemas que possam ocorrer, para que o indivíduo esteja capacitado a se defender previamente, valorizando a vida a partir do momento em que se encontra informado para então tomar decisões.

Quando se fala de prevenção às drogas e à violência, tem-se que considerar a distinção entre prevenção e controle, sendo que, esta busca encontrar soluções para as distorções sociais, tais como a diminuição da pobreza, a melhor distribuição de renda e melhoria na educação, enquanto o controle defende ações rígidas com aumento de recursos policiais destinados primordialmente a efetuar cada vez mais prisões.

E é nesta distinção que encontramos as chamadas “soluções brandas” e “soluções duras” contra o crime. Com este parâmetro, as ações de prevenção vêm somando esforços para atuar, já que reconhecidamente por diversos especialistas no assunto, o investimento na prevenção tem sido muito mais eficiente e barato do que as estratégias que envolvem o objetivo de efetuar prisões, como apresentado pelos dados de estudos realizados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID em países industrializados que apontaram maior eficiência às ações de prevenção que as ações de controle.

Sabe-se, no entanto, que o resultado da prevenção não é obtido por respostas imediatas, mas por mudanças comportamentais e efeitos observáveis no futuro.

Contudo, os discursos de prevenção não estão presentes apenas em pesquisas, pois sua sustentação se tornou mais sólida com o advento da Lei nº 11.343, de 23 de Agosto de 2006 que instituiu o SISNAD, fazendo com que o Brasil encontre-se em posição de destaque no cenário internacional, já que as medidas de prevenção existentes na Lei indicam mudanças consensuais no modo de se tratar o problema das drogas, havendo uma substituição da justiça retributiva, baseada no castigo, pela justiça restaurativa, cujo objetivo maior é a ressocialização por meio de penas alternativas:

Art. 28 [...]

I - advertência sobre os efeitos das drogas;

II - prestação de serviços à comunidade;

III - medida educativa de comparecimento a programa ou curso educativo.

Além destas definições, ainda há que se tratar outros segmentos pertinentes, pois para a Organização Mundial da Saúde (OMS), o objetivo da prevenção “é reduzir a incidência de problemas causados pelo uso de drogas em uma pessoa em um determinado meio ambiente.”

Sabe-se que este entendimento herdado de modelos médicos não tem dado conta por si só da resolução do problema, no entanto as subdivisões de prevenção como primária, secundária e terciária ainda são adotadas, conforme descrição abaixo:

- **Prevenção Primária:** Possui como objetivo evitar que o uso de drogas se inicie ou pelo menos se tenta adiar o seu início.
- **Prevenção secundária** – Previamente necessita de diagnóstico de profissional que avalie se o indivíduo possui possibilidades de evoluir para usos mais frequentes de forma prejudicial, já que se encontram nesta fase de prevenção as pessoas que já experimentaram drogas ou usam-nas moderadamente.
- **Prevenção terciária** – Trata-se de abordagens necessárias no processo de recuperação e reinserção dos indivíduos que já possuem problemas com o uso ou que apresentam dependência.

Afora estas abordagens ainda há utilizações mais recentes, conforme quadro explicativo do Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas – OBID:

Tabela 2– Prevenção

O que é?	Onde se aplica?
Intervenção universal – são programas destinados à população geral, supostamente sem qualquer fator associado ao risco.	Intervenção universal – na comunidade, em ambiente escolar e nos meios de comunicação.
Intervenção seletiva – são ações voltadas para populações com um ou mais fatores associados ao risco de uso de substâncias.	Intervenção seletiva – por exemplo, em grupos de crianças, filhos de dependentes químicos.

Intervenção indicada – são intervenções voltadas para pessoas identificadas como usuárias ou com comportamentos de risco relacionados direta ou indiretamente ao uso de substâncias, como por exemplo, alguns acidentes de trânsito.	Intervenção indicada – em programas que visem diminuir o consumo de álcool e outras drogas, mas também a melhora de aspectos da vida do indivíduo como, por exemplo, desempenho acadêmico e reinserção social.
---	---

FONTE: OBID

Somando-se a todas estas definições o OBID ainda faz referência à escola como o local mais adequado para se trabalhar a questão da prevenção, por ser a mesma uma instituição significativa pela qual todas as crianças e adolescentes, idealmente, deveriam passar boa parte de suas vidas:

É mais fácil iniciar um trabalho de prevenção nas escolas, que têm uma estrutura organizada, voltada para passar informações e dar orientações aos alunos e que mantêm contato com os pais. Entretanto, não é na escola que a prevenção atingirá os jovens de maior risco. Os jovens com problema de conduta, geralmente, abandonam a escola e não se envolvem com regularidade em atividades nas quais também podem ser alvo de ações preventivas.

O que os alunos entendem por prevenção?

Do discurso de alunos concludentes, partícipes e não partícipes do PROERD

A partir da questão levantada sobre prevenção, os alunos puderam primeiramente expressar o conhecimento que detinham sobre programas de prevenção, o conhecimento sobre o Proerd, o que sabiam a respeito das drogas, até chegar-se as definições próprias existentes nos discursos proferidos.

Desta forma foi possível detectar efeitos de sentido ao se tratar do entendimento acerca de prevenção por alunos que fizeram o Proerd no 1º semestre de 2013, alunos que estavam fazendo o programa no 2º semestre de 2013 e alunos que não tiveram a aplicação do programa em sua escola no ano pertinente à pesquisa.

Considerando a pergunta: “O que é prevenção para você?”, foi possível verificar uma instabilidade quanto às respostas obtidas pelos alunos que tiveram a oportunidade de participar do programa enquanto que àqueles que não tiveram, demonstraram uma relação de “necessidade” marcada por respostas que demonstravam interesse em aprender mais sobre o assunto tratado.

A memória dos alunos proerdianos³¹ da região norte de Campo Grande/MS

A partir do discurso:

(18) “aprender agora para que no futuro alguém me ofereça e eu não aceite.” (04;04)

Podemos perceber a clareza do aluno ao expressar que prevenção é aprender agora para que ele tenha condições de tomar uma decisão defensiva quanto a uma oferta no futuro.

No entanto ao dizer “[...] *que no futuro alguém me ofereça [...]*” há duas inferências de maior relevância, pois elas podem nos levar a entender que muito possivelmente alguém virá oferecer, com dois efeitos de sentido apensos:

1. Lançam a ideia de que no futuro alguém “certamente” virá oferecer, o que pode ter sido ativado ou reativado em sua memória por reconhecer os grandes desafios de se encontrar sob a pressão da oferta de drogas, ou até mesmo por vivenciar na figura de outros sujeitos tal ação, já que no contexto do ambiente escolar, retrata-se um local que muito tem se exposto a problemas com as drogas.
2. Ao falar que prevenir [...] *é aprender para [...]*, o mesmo pode estar se referindo a uma finalidade de seu aprendizado (que ele deve aprender para ter uma utilização no seu futuro), e dessa forma o sentido produzido é de que ele será capaz de tomar decisões seguras se previamente puder estudar sobre o assunto.

Considerando tais sentidos, o discurso de prevenção estaria com seu efeito positivo acerca do aprendizado quanto às tomadas de decisões futuras, contribuindo para a Segurança Pública no combate às drogas, logo, contribuindo no combate ao crime, como também apresentado no seguinte discurso:

(28) “saber o que e para não cair nela.” (10;04)

Pois ambos discursos apresentam o “conhecer” para reconhecer como ferramentas inerentes e necessárias à recusa, já que ao afirmar ser preciso saber o que é para não se envolver, demonstra que a

³¹Tratar-se-á neste artigo de proerdianos, de forma genérica, os alunos que participaram do PROERD.

orientação argumentativa presente no discurso utiliza-se de uma manobra que revela opiniões baseando-se no contexto linguístico que o sujeito detém.

Porém ao constatar que poucos alunos conseguiram definir prevenção em resposta ao questionário, poderíamos pensar que eles não soubessem o que seria prevenção, no entanto, ao acompanhar as demais perguntas que abordavam prevenção com outras variações linguísticas, percebeu-se que a palavra “prevenção” na sua literalidade parecia irreconhecível por alguns já que devemos levar em conta os conhecimentos de mundo, os quais segundo KOCH e ELIAS (2006, p. 42):

Refere-se a conhecimentos gerais sobre o mundo – uma espécie de *thesaurus* mental – bem como a conhecimentos alusivos a vivências pessoais e eventos espaço-temporalmente situados, permitindo a produção de sentidos.

Nesta compreensão seguimos a análise com o seguinte discurso:

(55) “[...]esse programanão bate sóconversa.” (21;04)

Ao serem indagados sobre a importância do Proerd, os significados obtidos demonstram conhecimento sobre prevenção, e a partir do discurso (55) reconhecemos que a repressão, embora necessária como aliada à prevenção na forma de controle, tem surtido efeito repulsivo e não completamente satisfatório no âmbito da segurança pública, já que os efeitos desta construção resultam em:

1. Ao dizer que [...] “esse programa não bate só conversa” percebemos a presença da referenciação (manutenção) que retoma o “objeto” Proerd que permanece em foco, como uma ação importante por ensinar através da conversa, do diálogo com os alunos, em detrimento a outras ações que se distanciem deste modelo.
2. Frisando o enunciado *que não batetraz-se* a memória uma polícia autoritária, imbuída de ações repressivas que devido às suas condições originárias na ditadura perduraram com a defesa apenas política do estado em defasagem aos direitos cidadãos.

Logo, elas deixam apenas de retratar prevenção como algo bom e necessário, mas também reforçama necessidade de uma política que articule os segmentos intersetoriais para juntos trabalharem em prol de uma polícia mais cidadã que contribua, em suas especificidades, com ações que garantam

além da preservação da vida, com o desenvolvimento do controle da violência, do crime e da desordem pública.

Lógico se faz saber que os processos de prevenção e controle da criminalidade não podem ser mantidos apenas em modelos de soluções policiais, já que diversas variáveis atuam para que as taxas de crime em nosso país aumentem, daí uma das importâncias de se ter um programa como o Proerd, que dentro do trabalho intersetorial, atua nas escolas com ações preventivas na figura do policial militar/instrutor, como reforça o discurso abaixo:

(47) “pramimprevenção e fazerproerd.” (19;04)

Tal enunciado produz, explicitamente, que a ideia de prevenção está interligada aos ensinamentos repassados pelo Proerd, já que a definição dada pelo aluno retrata um condição favorável reforçada pela utilização do termo *pra mim*, pois além de retratar a opinião do mesmo, ainda sugere incentivar, como se dissesse que fazer o Proerd é realmente se prevenir, pois se para ele é assim também pode ser para os outros.

Por isso que ORLANDI (2012) afirma que o sujeito é falado pela ideologia tanto quanto é falado pelo inconsciente, já que o discurso materializa a ideologia e se constitui no lugar teórico o qual é possível observar a relação da língua com a ideologia.

Diante destas definições percebemos que vivemos num mundo que não é neutro e que tal realidade pode ser trazida como aliada quando repensarmos a luta contra as drogas através da prevenção, sabendo que enquanto o sujeito absorve aquilo que o rodeia e que os significados em sua volta o constituem, nada mais relevante que inserir modelos de intervenção universal no âmbito escolar.

Os discursos de alunos proerdianos da região sul de Campo Grande/MS

Iniciando a análise do discurso de prevenção elencados por alunos que estavam com o programa em desenvolvimento, verificou-se também a existência de dúvidas quanto à literalidade da palavra “prevenção”, o que não obistou, no entanto, de também saberem expressar prevenção ao decorrer das outras respostas do questionário.

Quando perguntado sobre a importância do Proerd obteve-se, por exemplo, o seguinte discurso:

(76) “A o proerd é muito Bompranós porque? falasobreadroga e é muito Bomainósnãocolocacigarronabocadrogas e nemoutrascoisa de alcolica.” (24;06)

Ao dizer que o Proerd é muito bom refazendo uma pergunta, pode-se refletir na necessidade de expor os motivos que reforcem sua ideologia, desta forma demonstrando a eficácia dos ensinamentos dados pelo programa, já que uma das mais importantes regras da prevenção é vista: quanto mais cedo se atua na vida do indivíduo, evitando o desenvolvimento de condutas violentas, mais efetiva será a prevenção.

Neste discurso de prevenção, o sujeito imbuído de práticas que estão muitas ativas no seu dia a dia, por estarem ainda fazendo o Proerd, consegue expressar que falar sobre o efeito das drogas é muito bom para que ele não as utilize, o que é visto por meio da passagem “[...] *ai nós não coloca cigarro na boca drogas e nem outra coisa de alcolica.*”, deferindo desta maneira que independentemente de serem drogas lícitas ou ilícitas, ele aprendeu a dizer não através do que fora falado/ensinado pelo instrutor.

Afora estes significados que estão mais expostos, ainda obtém-se através do discurso “[...] *falasobreadroga e é muito Bomainósnãocolocacigarronabocadrogas e nemoutrascoisa de alcolica.*” a materialidade que permite observar a relação da realidade que este sujeito vive, o que vê, seja na escola, na família, no bairro, na mídia, enfim, daquilo que o rodeia e expressa daquilo que ele traz para si como algo que realmente possa ser bom para sua conduta, ora porque a pergunta era sobre a importância do Proerd ora porque além de afirmar a condição de *bom*, ainda pode explicar o que era discutido e ensinado em sala de aula.

Nesta linha de raciocínio podemos observar a relevância de o indivíduo ter com quem conversar sobre o tema drogas, porque apesar de existirem tantos apelos nos discursos midiáticos, ainda não se há uma frequência nas conversas familiares que abordem o tema drogas.

Portanto, quando o aluno diz que “[...] *é muito Bompranós porque? falasobreadroga e é muito Bom* [...]”, o falar a que ele se refere pode estar composto por um apelo, um pedido de ajuda para que alguém converse, dialogue com o mesmo sobre tantas coisas e, neste caso específico, sobre as drogas.

Neste sentido, o campo discursivo obtido demonstra um “tabu” histórico em que não se era permitido uma criança/adolescente falar sobre isso com a família, ou um adulto, já que aquilo não era tido como “conversa de criança”, mesmo sabendo que antes a responsabilidade da educação era no seio familiar.

No entanto sabemos que este não é o parâmetro de educação atual, pois o espaço escolar é um local que oportuniza para a criança uma educação que a socialize. Contudo, apesar dos inúmeros avanços tecnológicos, bem como a contribuição das ciências ao longo dos anos e o avanço significativo da legislação brasileira com o disposto no ECA, a realidade denuncia um grande descompasso entre o discurso da lei e o cotidiano destas crianças/adolescentes.

Com isto, o discurso de prevenção relatado é acompanhado por outros discursos obtidos em resposta à pergunta: *Você costuma conversar sobre drogas ou violência com a família? Comente*, em que podemos ver a ideologia do “mistério”, do “segredo”, que aquilo que é ruim não se deve ficar falando, é incutido na maioria dos discursos desta turma, como presente nos exemplos abaixo:

(53) “*não elas não perguntam para mim e eu também não conto o custo de falar sobre isso*” (17;03)

(34) “*não, porque meu Pai tem toda a confiança em nós, e por isso que ele quase não fala!*” (12;03)

Nota-se que o diálogo nestes dois casos ou não existem ou apenas eventualmente acontecem. Já que no discurso (53) há a afirmação de não ter quem pergunte sobre drogas ou violência, ou seja, não há um início do diálogo sobre o assunto por nenhuma parte, neste discurso as articulações de significados podem ocorrer das seguintes maneiras:

1. Falar que a família não pergunta, através do *elas*, primeiramente pode nos levar a crer que este sujeito indeterminado não pergunta porque não quer, porque acha desnecessário, porque não dá a devida importância (o que talvez seria o menos provável), ou que não tenha tempo e não saiba como se expressar ao conversar sobre o assunto. Este último motivo é o que nos leva a considerar as desigualdades sociais existentes e/ou a ambição de o indivíduo em sempre querer mais, devido sua incompletude.

Tais considerações podem ser feitas no sentido de que aqueles que precisam trabalhar a maioria do tempo para sustentar a família, em detrimento do estudo, do lazer e, principalmente, do tempo para se estar consolidando uma educação de qualidade para os próprios filhos, acaba deixando de lado suas responsabilidades, atribuindo-as por meio de um sistema de “empurramento” para o Estado que tenta solucionar tais problemas através dos órgãos específicos (escola, segurança pública, entre outros).

No entanto, como afirmado, tal evento não acontece somente em famílias que estejam em situações de desigualdade social, mas também com aquelas que em prol de manter seus bens cada vez mais altos, devido a ambição de o indivíduo em sempre querer mais, conforme sua incompletude, também não tem assumido seus papéis de maneira igualitária. Fazendo com que haja uma cadeia cíclica que retoma as responsabilidades apenas para o Estado. Como discurso de prevenção, conforme respondido pelo CEBRID, quanto mais se mantém o “mistério” mais se aguça a curiosidade dos jovens, e a vontade de querer usar para conhecer torna-se mais atrativa, e, a partir do momento que há o diálogo este entrave é retirado, porque:

A maioria dos pais tende a conversar com os filhos sobre drogas somente quando surgem problemas e conflitos. Entretanto, torna-se muito mais fácil conversar com os filhos sobre esses problemas e conflitos quando os pais já puderam superar no passado a barreira de falar sobre drogas.

Neste ponto de vista, o Proerd entra com mais um reforço aos fatores de proteção ao atribuir em suas lições uma tarefa denominada “Conversa em Família”, cuja finalidade é fazer com que através da tarefa levada para a casa, o aluno possa iniciar um diálogo com sua família sobre as drogas e à violência, a partir do conteúdo estudado no referente dia.

2. Ao dizer que “[...] também não conto como de falar sobre isso” a percepção deste aluno é que o discurso sobre drogas, mesmo que seja de maneira preventiva, ainda é considerado como algo que marque um “terror”, que é “ruim”, talvez revelando até credenciais que consideram que quanto mais se fala de coisas ruins mais elas tendem a acontecer.

3. E ainda, também pode expressar que já cansou-se de esperar a atenção de alguém da família que se disponha para tal, ou que até já tenha tentado conversar não obtendo êxito, neste caso, achando muito conveniente que tal tema seja abordado em sala de aula, pois o mesmo aluno reforça o efeito positivo do discurso de prevenção quando diz nunca querer usar drogas, entre outras afirmações que o mesmo discursa:

(51) “sãoumadroga e nãoquerousarnumca” (17;03)

(52) “elafica mas cansada e com a aparência mas velho e ficaagresivo.” (17;03)

(54) “não e legal fumar troga a pesoa more” (17;06)

Pensando na produção de sentidos e seus deslocamentos, percebemos que o papel da prevenção para a segurança pública é totalmente relevante e eficaz, pois tanto nos discursos (52) e (54) o aluno sabe expressar consequências do uso de drogas tanto para a saúde quanto para o ambiente social, em que relata saber que a pessoa sob o efeito de drogas pode “[...]fica agressivo.” como também em “[...] a pessoa more”, tais enunciados sugerem, através das práticas simbólicas que significam (produzem) o social, que ficar agressivo e morrer pode estar inserido em seu meio, no convívio de seu dia a dia, a partir das experiências vividas, o que sendo retirado de sua memória é retomado pela explanação das lições sobre o assunto, que na verdade não impõem informações, pois o sujeito traz em si seus próprios valores, com os quais vai se constituindo ao perceber que a realidade conhecida vislumbra fatos associados ao uso das drogas.

Neste sentido, não podemos nos esquecer que se tratam de indivíduos que estão aprendendo a se socializar, de idades que ainda estão tendo suas ideologias moldadas conforme o conhecimento que vão adquirindo, daí a importância da aplicabilidade do Proerd para em consonância às estratégias de prevenção possibilitar uma maior cooperação entre instituições sociais, comunidade, saúde e polícia exaltando uma convivência pacífica para a resolução de problemas.

O discurso de prevenção de alunos que não tiveram o Proerd

Nesta etapa da pesquisa, o intuito era averiguar o que os alunos conheciam sobre prevenção e alguns aspectos das drogas, sendo que as perguntas foram as mesmas feitas às outras turmas, com exceção das que eram direcionadas ao conteúdo específico aplicado pelo programa.

Verificou-se que, apesar de não terem passado pelo programa o fator “dúvida” do sentido literal da palavra prevenção não teve tanta visibilidade quando comparado às outras turmas.

Neste sentido, muitos conseguiram expressar o que entendiam sobre prevenção como nos exemplos abaixo:

(53) “prevenção é você se prevenir para queaquilonãoacontença com você.” (13;04)

(84) “Se poupar, se proteger.” (23;04)

(74) “proteção” (19;04)

(68) “É saber o que é as drogas, incentivar seus colegas e familiares a não fazer isso e saber o que eu posso fazer [...]” (17;04)

Um dos aspectos interessantes destes discursos é que o discurso de prevenção veio grandemente carregado do sentido de proteção, como podemos ver nos discursos (84) e (74) de maneira explícita: “proteger” e “proteção”. Mas pela AD vemos muito além do que está explícito, pois nestas falas o sujeito é interpelado quanto à correlação de proteção com prevenção que está atrelada à sensação de segurança que é disponibilizada quando o indivíduo se sente conhecedor de algo, se sente previamente avisado dos efeitos e consequências que algo possa lhe causar.

Neste sentido a percepção de querer evitar algo ruim é claro quando dito (53) “*para que aquilo não aconteça com você*”, porque é como se o aluno dissesse ao contrário: “*se eu não me prevenir aquilo pode acontecer comigo*”, trazendo desta forma a realidade que a desinformação sobre as drogas pode fazer.

Contudo, ainda nestes exemplos, vemos que assim como no discurso (53) o discurso (68)[...] *incentivar seus colegas e familiares a não fazer isso*[...]” também infere ser necessário que o conhecimento seja compartilhado com outras pessoas como uma maneira de estar contribuindo com sua parte para que (53) “[...] *aquilo não aconteça com você.*” (13;04).

Falando sobre o “*aquilo*” podemos retomar o sentido do capítulo anterior que dizia ainda ser considerado como um mal presságio falar sobre drogas, por até revelar credices que consideram que quanto mais se fala de coisas ruins mais elas tendem a acontecer, pois ao analisarmos, surgem questões do porquê a omissão do termo “drogas” por aquilo? Ou por que a utilização de aquilo em vez de drogas ou outro termo?

Talvez isso tudo venha a reforçar os discursos autoritários que intimidam em vez de ensinar, como ainda difundido em alguns segmentos de nossa sociedade, não de maneira explícita, mas, tacitamente, o que é possível reconhecer pela AD que traz uma leitura além do que o sentido exposto limite.

Nesta disposição cabe aqui relatar um diálogo tido com uma professora de 5º Ano de Ensino Fundamental que estava prestes a se aposentar. Enquanto falávamos sobre as mudanças comportamentais frente ao respeito às autoridades e o uso de drogas, lembro-me que a mesma enunciou ter lecionado nos tempos da recém pós Ditadura Militar e que quando caminhava em direção à escola não podia olhar para a face dos policiais fardados e que falar sobre drogas, fossem elas lícitas ou ilícitas na escola ou em casa com os pais, era totalmente absurdo e desconsiderado.

Neste aspecto sabemos que as relações sociais são outras e que estes resquícios ditatoriais, embora, ainda minimamente estejam presentes, não impedem que o assunto “drogas” seja abordado nas escolas ou qualquer outro segmento social, muito pelo contrário, os discursos sobre tal assunto tem sido amplamente debatidos em vários setores da sociedade.

No entanto, ao analisarmos os discursos proferidos pelos alunos, percebemos que ainda há um paradigma a ser quebrado quando se trata da conversa sobre drogas em casa, no seio familiar, o que reforçaria grandemente os fatores de proteção em diminuição aos fatores de risco existentes para evitar que os jovens tenham problemas com o uso e/ou abuso de drogas.

Dessa maneira, o fator de proteção que auxiliou estes alunos que não fizeram o Proerd, mas conseguiram definir prevenção, pode ser encontrado na motivação de quererem aprender um algo a mais, como disposto nos discursos abaixo:

(37) “17- Achaimportantetrabalharsobreprevençãoàsdrogas e à violêncianaescola? Porquê?

“Sim, porquemuitaspeçoasusamdrogasnaescola e elesacabamculpando as autoridadespornãoteravisadoque a droga é umadroga.” (08;05)

(52) “15 – Se jáparticipou de algumprogramaeducacional, acreditaserpossível combater/diminuir a violênciאו o uso de drogasatravés da prevenção? Porquê? [...]nuncaparticipei mas queria para podervercomospodemofazer para combater essadrogapoiselaacaba com todostemosquedestruirela.” (13;04)

Como visto, o conhecimento sobre os atos de violência interligados às drogas estão presentes nos discursos de prevenção. Além disso, a referência de se considerar outros atores sociais ao combate às drogas, incluindo a comunidade é entendido no discurso (37) que destaca a necessidade de haver o ensino preventivo para que a responsabilidade não recaia apenas às autoridades, mas considere o aviso como uma maneira de auxiliar, reconhecendo que a segurança pública é sim um dever do Estado, mas direito e responsabilidade de todos (Constituição Federal, Art. 144).

Além disso a presença do discurso “[...] *muitas pessoas usam drogas na escola* [...]” remete a ideia de o aluno possivelmente ter presenciado indivíduos que fazem ou fizeram uso de drogas, seja nesta escola ou em outras, e que talvez até pudesse ter se sentido pressionado por tal ação, no entanto, a presença do diálogo com a família demonstra, novamente, um fator de proteção grandemente considerável, pois o mesmo aluno ao ser indagado em *Você costuma conversar sobre drogas ou violência com a família? Comente:* respondeu:

(34) “(...) quando apareceu na televisão algum tipo de reportagem eu pergunto para minha mãe e faço comentários.” (08;03)

Percebe-se que além de haver a discussão sobre o assunto em casa, tal aluno ainda mantém uma posição crítica frente ao assunto ao frisar “[...] *faço comentários.*”, pois ilustra que não adianta simplesmente “despejar” a informação, se faz necessário discutir o assunto para juntos encontrarem formas de se prevenir e ver soluções favoráveis para se evitar problemas com as drogas.

Reavendo o discurso (52) vemos o interesse do aluno em querer conhecer mais sobre maneiras de evitar os problemas causados pelas drogas, já que ao afirmar “[...] *queria participar para poder ver como podemos fazer para combater essa droga* [...]” ele incita um “combate” que não pode ser realizado por apenas uma pessoa, pois ao dizer “podemos”, o mesmo se insere em auxílio à prevenção, aludindo ao Proerd “forças”, que o mesmo acredita serem necessárias para adentrar neste “combate”.

Considerando o “*combater*” proferido pelo aluno, podemos elencar algumas observações pertinentes, tais quais:

1. A retomada de discursos de controle por meio de apelos midiáticos muito aparecem em nossa sociedade utilizando o interdiscurso “combater”: Ex: Vamos combater a dengue; combater o crime; combater o abuso de poder, entre outros, e, tal referência pode ter sido retomada na memória do aluno, pois a

historicidade determina as condições de produção, assim como retrata Orlandi (2012, p.33) em concordância às afirmações de Pecheux (1983):

Isso faz com que, pensando-se a relação da historicidade (do discurso) e a história (tal como se dá no mundo), é o interdiscurso que especifica, [...], as condições nas quais um acontecimento histórico (elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a inscrever-se na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória.

Desta maneira o combate discursado vem carregado de impressões que batem com; esforçam-se para vencer; atacam; contestam, o que de certa maneira, não deve ser o tratamento dado a algo tão complexo como a abordagem às drogas, para que não haja um preconceito com aqueles que necessitam de ajuda tanto para sair da dependência, quanto para elucidar os problemas das desigualdade sociais.

Neste caso, a prevenção já estaria voltada nas formas secundária e terciária, ou intervenção seletiva e intervenção indicada, as quais configurariam em ações que objetivassem respostas imediatas, focando grupos de alto risco, como jovens em situação de desigualdades econômica e social e também presentes através de programas ou projetos para a ressocialização, reinserção no mercado de trabalho destinada à indivíduos que já tivessem manifestado ou sido vítimas decorrentes da violência e criminalidade, com a tentativa de evitar que voltassem a reincidir.

2. O “*combater*” referido, ainda contém uma perspectiva de ajuda, pois ao continuar o discurso “[...] *pois ela acaba com todos* destruí-la.” Há uma retratação das consequências que a mesma pode trazer às pessoas, pois em sua concepção se a droga “*acaba com todos*”, nada mais lógico do que acabar com ela, destruindo-a, no entanto, tal ênfase em acabar, destruir, pode ser tida por não ter o conhecimento sobre prevenção de uma maneira ampla, apenas concebendo suas ideias desencadeadas pelo contexto em que vive, tanto é que afirma “*nunca participei mas queria [...]*”. Conclui-se que há o interesse em participar do Proerd, podendo ser vários os motivos: por ter um policial do programa aplicando o questionário, por ter visto em algum lugar, por ter algum conhecido que tivesse participado ou até mesmo porque quisesse aprender mais sobre as drogas para saber como se prevenir diante de situações de risco.

Uma breve perspectiva acerca dos discursos sobre drogas

Não se desviando do tema prevenção retratado nos discursos (logo, por que trata-se de prevenção às drogas e à violência), faz-se necessário explicar brevemente que os discursos sobre drogas puderam apresentar nesta pesquisa:

(6) “eu acredito que as drogas levam a violência porque as pessoas ficam fora de si.” (01;03)

(29) “quando uma pessoa está drogada bate em todas as pessoas até namorada e filhos.” (10;03)

(51) “[...] as drogas fazem muito mal e mexem com as pessoas até as pessoas quererem roubar, cometer atos de violência, etc.” (20;03)

(31) “Drogas pra mim é destruição de família e de vida, porque se a pessoa usa drogas ela não é a mesma pessoa que ela sempre foi.” (08;03)

Observando os discursos acima poderíamos nos perguntar sobre a explicação dos efeitos à saúde causados pelas drogas, porém o intuito de se mostrar tais resultados é exatamente apontar o consenso de que as drogas ao alterarem a percepção do indivíduo fazem com que ele possa ter comportamentos violentos, estando o discurso presente tanto em alunos concluintes, partícipes e não partícipes do programa.

Tal análise não será tomada amplamente neste artigo, pois seria necessário um desencadeamento de hipóteses a serem revisadas para a demonstração das produções de sentido existentes.

Porém, brevemente, podemos identificar nos discursos sobre drogas um posicionamento entre os alunos em que querer preservar a vida é não estar sob o efeitos dessas substâncias psicotrópicas. O que é de grande relevância para a sociedade, pois até os dias atuais não se há uma medida de uso segura, desde as drogas lícitas ou ilícitas, considerando que os medicamentos (drogas lícitas) devem ser somente utilizados se prescritos por um profissional da medicina.

Contudo, ainda não houve pesquisas consistentes que demonstrassem que tipo de organismo estaria mais resistente a determinado tipo de droga, ou até que quantidade poderia ser usada sem que seu

uso abusivo não causasse riscos, pois neste âmbito há que se considerar uma gama de fatores biológicos, psíquicos, entre outros.

Em uma outra perspectiva podemos considerar, a correlação entre os discursos de droga com os discursos de violência, sabendo-se que a violência possui várias definições e origens que não estão somente ligadas ao uso de drogas. No entanto, ao se falar sobre drogas a maioria dos alunos faz esta associação, tendo como sentido algumas posições:

1. As imagens de violência retratadas em (6) “[...] *ficam fora de si*” podem sugerir que o sujeito possa já ter presenciado situações que expuseram uma pessoa sob o efeito de drogas, ocasionando momentos de violência, o que também pode ser visto em (29) “[...] *Bate em todas as pessoas até namulherou nos filhos.*”, sendo que este discurso sugere um algo a mais, pois se prestarmos atenção na construção do enunciado, veremos que todas as palavras são escritas iniciando com letra minúscula, enquanto que “*Bate*” vem ao contrário, iniciando com letra maiúscula.

Poderíamos afirmar que isso ocorrera pelo sujeito ter dificuldades em escrever, no entanto, pela AD é possível perceber uma falha, pois a língua apesar de ser um sistema não é perfeita, mas ainda assim é um sistema que tem sua ordem.

Trazendo esta reflexão, podemos perceber uma ênfase nesta situação de violência física que recorre a bater, sendo dito de maneira a destacar os outros conteúdos, pois a falha para ORLANDI (2012, p.77) representa na AD:

O lugar da falha, digo, é o lugar do possível: do impensado, lugar em que “*o irrealizado venha formando sentido do interior do não-sentido*”, momento imprevisível e, que “*uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um acontecimento histórico rompendo o círculo da repetição*”.

Assim podemos conceber que o “*Bate*” dito por este sujeito venha imbuído de situações de violência, que não respeitasse, às vezes nem os próprios membros da família. Não que isso, seja uma afirmação de algo acontecido com este sujeito, mas de algo pensado por meio da associação que se estabelece pelo fato de que inconsciente e ideologia estão materialmente ligados (efeito da ordem da língua sujeita a falha).

Tudo isso, pode ainda ser tido pelo fato da falha ter trazido memórias que ativaram a importância de se retratar algo que teve uma marca diferente em seu contexto vivencial.

2. Os discursos em (51) “*as drogas fazem muito mal e mexem com as pessoas até as pessoas quererem roubar, cometer atos de violência, etc.*”, trazem a tonacircunstâncias de violência, seguidas de atos de crime, talvez justificáveis quando o sujeito afirma que devido a droga mexer com a pessoa, encarando o sentido de mexer por estar sob o efeito, esta acaba “querendo” praticar atos de violência e crimes.

Tal discurso acaba apontando resquícios de preconceito, pois quando diz “[...] *as pessoas querem [...]*” nos remete à concepções não atualizadas, impregnadas de falta de conhecimento queretomam a pessoa dependente de drogas como alguém que era visto muitas vezes como ‘possuídos por forças do mal’, portadores de graves falhas de caráter ou totalmente desprovidos de ‘força de vontade’ para não sucumbirem ao ‘vício’ (SENAD, 2013).

Desta maneira, percebe-se um julgamento de moral, sem reconhecer que os aspectos de tratamento sobre o consumo de drogas evoluíram constantemente, talvez devido a falta de noção sobre a predominância dos aspectos relacionados à saúde, que só foram mais estudados e discutidos nos últimos dois séculos.

3. Já o discurso (31) procura, além de reforçara associação de drogas à violência, trazer um aspecto interessante ao entender que a pessoa sob o efeito de substâncias psicoativas, poderá ter uma mudança comportamental que a divergirá de suas atitudes e conceitos anteriores ao uso, já que afirma “[...] *ela não é a mesma pessoa que ela sempre foi.*” Tal sentido é tão substancial que às vezes é o motivo necessário para que muitas pessoas iniciem o uso de drogas, quando procuram alterar seu comportamento para serem mais desinibidos, para acabar com o stress, se tornar mais popular, ‘deixar a tristeza de lado’, enfim, são múltiplos os porquês de se tentar ser alguém diferente do que é, considerando o sentido de tentarem resolver seus problemas de personalidade.

Além destas associações ainda é possível entender que a mudança comportamental na afirmação de “a pessoa que usa drogas não será a mesma que sempre foi”, traz à tona as situações de conflitos existentes pela comercialização das drogas, onde há o fruto de várias disputas em decorrência dos delitos gerados em torno de sua aquisição.

O que implica neste momento não é uma proibição do uso, pois este vem tendo um desenvolvimento histórico presente na humanidade. O que não se sabe, como dito anteriormente, é como

as pessoas poderão se portar ao estarem diante de situações de risco e/ou problemas envolvendo drogas se não houver trabalhos que orientem o uso e expliquem as consequências, ou seja, se não existir a prevenção.

Discussão e Considerações finais

Diante do exposto, inúmeros questionamentos podem ser feitos dos resultados aqui apresentados, no entanto, é possível verificar que o papel da prevenção para a Segurança Pública é algo totalmente necessário e emergencial, tanto pelos avanços no tratamento ao crime, quanto pelo retorno positivo ao se investir mais em prevenção do que somente nas ações de controle.

Para tanto há que se considerar o vínculo das drogas à violência, o que, segundo especialistas, tangencia a relação existente entre a comercialização das drogas, ao abranger disputas entre gangues, distribuidores, cartéis; disputas entre vendedores e compradores; e os delitos que ocorrem no entremeio da aquisição de mais drogas.

Nesta percepção o olhar deve se voltar a um entendimento fundamental. Qual seja: o de que o controle da violência relacionada à droga não pode se limitar à reabilitação dos usuários e dependentes. Ao contrário, deve ser destinado à prevenção contra o uso que, compartilhado com as práticas de redução de danos e na demanda de drogas, possa produzir a desejada redução na violência a elas vinculada.

O proposto até aqui, logicamente, não foi findar as possibilidades de utilização das estratégias de prevenção, mas tentar responder as indagações feitas no início do artigo para se ter um parâmetro de trabalho de prevenção dos programas existentes na Polícia Militar, neste caso específico o PROERD.

Quanto a eficiência e contribuição do Proerd nas escolas, pode-se perceber através dos discursos analisados, que o fato dos alunos afirmarem ser capazes de tomar decisões seguras se previamente puderem estudar sobre o assunto, faz entender que a presença do policial militar na figura do instrutor Proerd consolida o desenvolvimento de mecanismos que tornem os alunos capazes de ir além do dizer “não as drogas”, por potencializar e contribuir muito mais na diminuição da sensação de insegurança, ao se sentirem mais fortalecidos para agir diante de situações de risco.

Embora não tenham sido apresentadas todas as análises dos demais discursos existentes (o que pode ficar para uma análise posterior), o papel da prevenção aplicado pelo Proerd pode ser compreendido quando comparado aos alunos que não tiveram o programa, já que através do trabalho do cognitivo, que

incentiva modelos de recusa, resistências às pressões de forma a desenvolver o convívio pacífico, afastando-se das drogas, os alunosproerdianos foram capazes deatribuir valores positivos pelo conhecimento adquirido, tendo como um grande fator favorável o dispositivo da tarefa“Conversa em família” e o Modelo de Tomada de Decisão para contribuir na consolidaçãodos fatores de proteção.

Enquanto os alunos que não passaram pelo programa, apesar de demonstrarem entendimento por prevenção, expressaram a necessidade de aprenderam mais, por reconhecerem que através de programas de prevenção, há o ensino do uso de “ferramentas” que possam os auxiliar a evitar situações de risco.

Entretanto, fica proposto para melhora da aplicação do programa, um aperfeiçoamento da explicação sobre prevenção, porque muitos alunos tiveram dúvidas quanto a literalidade da palavra. No entanto, mesmo que a busca por decifrar prevenção não fosse o objetivo principal, poderia discursivamente representar um reforço maior à ênfase pretendida, para que se amplie as experiências exitosas anteriores.

Contudo, sabe-se notadamente que os discursos de prevenção não são uma novidade, todavia, nos âmbitos político e social, o discurso preventivo firma-se positivamente para a Segurança Pública, na medida em que conta com uma rede de atores sociais interligados entre si e em permanente expansão.

Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: informação e documentação – referências – elaboração**. Rio de Janeiro, 2002.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **A Prevenção do Uso de Drogas e a Terapia Comunitária**. Brasília: SENAD-MJ, 2006.

BRASIL. **Constituição (1988) Constituição da República Federativa do Brasil**: Texto Constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nºs 1/92 a 53/2006 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nºs 1 a 6/94. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2007.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. LEI Nº 8.069, de 13 de Julho de 1990.

BRASIL. **Lei antidrogas**. LEI Nº 11.343, de 23 de Agosto de 2006.

D.A.R.E. A Look at Your Decisions Student Workbook – PROERD – Livro do Estudante – Câmara Técnica de Estratégias de Programas de Prevenção às Drogas e Violência – CNGG – Centro de Capacitação PROERD – PMDF.

MATO GROSSO DO SUL (Estado). Lei Nº 3.845, de 10 de fevereiro de 2010. Reconhece o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD) como política educativa de relevante interesse para a segurança pública e dá outras providências.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. *Texto-Base 1ª CONFERÊNCIA NACIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA*, 2009, Brasília – DF.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**/ Eni P. Orlandi – 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

_____. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação do Sentidos**/ 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

_____. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 4ª edição, 2009.

RATEKE, D. A Escola Pública e o PROERD: Tramas do Agir Policial na Prevenção às Drogas e às Violências. Dissertação de Mestrado. In: **O pluralismo das drogas**. Florianópolis, 2006, cap II, p.75.

SENAD – Secretaria Nacional de Segurança Pública - **Prevenção do uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias** / Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. – 5. ed. – Brasília: SENAD, 2013.



EDIÇÃO Nº 10 – Volume I , AGOSTO
DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/06/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/07/2012

OBID – Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas. Definição de Prevenção. Disponível em: http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/conteudo/index.php?id_conteudo=11431&rastr=PREVEN%C3%87%C3%83O%2FTipos+de+Preven%C3%A7%C3%A3o/Preven%C3%A7%C3%A3o+prim%C3%A1ria%2C+secundaria+e+terci%C3%A1ria . Acesso em: 19/Nov. 2013.

CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – Prevenção - Disponível em: http://www.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/quest_drogas/prevencao.htm. Acesso em 19/Nov.2013.